ANO XI / JANEIRO 1953 / N.º 101



Novellae

OLIVARUM

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — FERNANDO ALVES CRISTÓVÃO
Redactores — DOMINGOS LUÍS MORAIS
— MANUEL MARTINS HEITOR
Proprietário e editor — ALEXANDRE VILARINHO DAS NEVES
Administrador — JOÃO RABUGE GUERRA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) . . . 25$00

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — Beja — Telef. 268

SUMÁRIO

O nosso aniversário — O Director 1

Pela União das Igrejas — João Gouveia 3

Impressões da Índia — Cónego D. João F. de Castro 7

Fala o P. Gaston Fournier — Abílio Tavares 11

F. Mauriac - o Cristão e o artista — A. Jorge 15

Leis esquecidas — Eugénio dos Santos 21

Pela imprensa estrangeira — Hugo de Carvalho 24

Crónica — A. Tavares 26

E. PINTO BASTO & C.ª, L.DA

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

SEGUROS **CARVÃO**

REPRESENTAÇÕES
(INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS

ETC., ETC.

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, L.DA



FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.A, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

RUA DA VITÓRIA, 82 a 88 — **RUA DO OURO, 166 a 170**

Lustres — Lanternas — Placas — Castiçais — Lâmpadas Suspensões
Banheiras — Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — AQUECIMENTO CENTRAL — ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO — VENTILAÇÃO — CONTRA INCÊNDIOS
PÁRA-RAIOS — ASCENSORES — TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSAS

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO — **Rua das Flores, 69**

LISBOA — **Praça dos Restauradores, 14**

Livraria e Papelaria Moderna — **Machado & Ribeiro, L.da** — **Livraria Católica Portuense**

LARGO DOS LOIOS, 50 — **PORTO** — TELEFONE, 2 5156

Grande sortimento de livros religiosos tanto nacionais como estrangeiros

Missais, Breviários e todos os demais livros litúrgicos

Religião, Naturismo, Romances, Moral, Direito, Engenharia, Máquinas, Arquitectura, Navegação, Música, Veterinária, Estudo, Educação, Ciências, História, Medicina, Higiene, Cozinha, Comércio, Agricultura, Receitas, Indústrias, Artes e Ofícios, Velocipedia, Ginástica, Natação, Fotografia, Leitura popular, Poesias, Teatro, etc. Gramática Portuguesa por José Maria Relvas, 14$50=Gramática Francesa pelo P.e Conceição Cabral, 30$00—História da Literatura Portuguesa pelo P.e Alfredo de Aguiar, 10$00=Jesus ao Coração do Jovem pelo P. D. Zama Mellini, 16$00=Perguntas e respostas concisas e familiares às objecções mais vulgares contra a religião por Monsenhor de Ségur. 16$00 Caminho da Perfeição por Santa Tereza de Jesus, 16$00—Mês das Almas do Purgatório pelo Abade Berlioux, 15$00 Fundamentos e explicação doutrinal da Ladainha do Coração de Jesus pelo Dr António Ferreira Pinto, 10$00—Parábolas de Jesus Cristo pelo Dr. António Ferreira Pinto, 12$50—Ofício de Nossa Senhora em português e latim, 12$00 Beleza e Grandeza do Sacerdócio, pelo P.e Quillard, 25$00—Manual das Noviças, 16$00

Material Escolar

Peçam catálogos indicando o género de livros

O NOSSO ANIVERSÁRIO

Com este número de Janeiro de 1953, Novellae Olivarum entra no décimo ano de publicação.

No entanto, pode dizer-se que a revista não tem apenas 10 anos, e que a sua idade iguala a do Seminário, porque é uma concretização do espírito e ideais que animaram as gerações do passado, e continuam a animar as gerações do presente.

Foi a necessidade de comunicar esses ideais que lhe deu a razão de existir.

Escrever, não é apenas um treino ou ofício, é uma exigência interior, alguns dizem até, física, de quem pensa, de quem possue a verdade e se prepara para a transmitir aos outros.

Rezam as velhas actas da Academia de Santo António, ter sido na sessão de 7 de Abril de 1936, que se deliberou criar uma revista a que se desse o título de «Novellae Olivarum», tirado da divisa heráldica do nosso Escudo.

Se a realização era nova, a ideia de há muito que tinha lançado raizes, pois que já em 1932 existiam jornais manuscritos, de que ainda restam nos arquivos, «A Paz» e «O Peninsular».

Os primeiros números apareceram tìmidamente, e Novellae Olivarum atravessou diversas fases, umas vezes jornal, outras revista, manuscrita ou policopiada, até entrar nos prelos da imprensa, para sair à publicidade em Janeiro de 1943.

Os dez anos que até agora decorreram, representam um esforço notável de perseverança no optimismo, vencendo as dificuldades em que é fértil o campo da imprensa.

Através de centenas e mesmo milhares de páginas, passaram os

anseios de algumas gerações, que nelas tiveram o estímulo e a possibilidade de especialização em alguns pontos da ciência eclesiástica, nomeadamente da Liturgia.

A acção de Novellae Olivarum neste movimento de recuperação cristã que há algum tempo se opera no nosso país, tem já à vista alguns dos seus resultados, e constitue além de legítimo título de glória, um poderoso incentivo para caminhada maior.

Reafirmando a fidelidade ao nosso Bispo e aos Superiores que nos dirigem, contamos sob a bênção de Deus, prosseguir no caminho traçado, e ao mesmo tempo ser como o disseram os iniciadores da revista, «traço de união» entre os irmãos mais velhos que trabalham na vinha do Senhor, e a «Casa Mãe».

Aqui prestamos a nossa homenagem a todos quantos fizeram «Novellae Olivarum», antigos dirigentes e colaboradores, que hoje Sacerdotes, nos Seminários, no ensino Secundário e no ministério paroquial são o orgulho do nosso clero.

De igual modo a Monsenhor Reitor, que durante anos soube criar em volta da revista uma atmosfera de interesse e entusiasmo.

O DIRECTOR

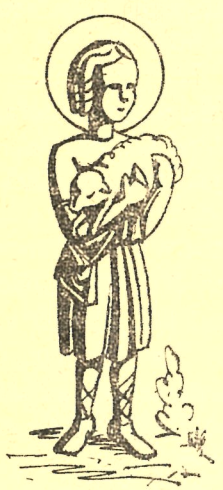
Pela União das Igrejas

«Que todos sejam um, como Tu, Pai,
o és em Mim e Eu em Ti».

Jo. XVII/21

Avizinha-se a hora suprema, em que Cristo, numa generosa e total oblação de Si mesmo, ia realizar o que Ele profèticamente ensinara:

— «Ninguém pode dar maior prova de amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos».



E, como um pai zeloso e amigo que, na custosa espectativa do desenlace fatal, dá os últimos sorrisos e conselhos, aos filhos que rodeiam o seu leito, assim Cristo com os seus discípulos, momentos antes da saudosa partida para o Pai.

No ambiente quente e familiar daquela Ceia, em que aos Apóstolos é dado a comer e beber os divinos manjares, Jesus revela-lhes os últimos segredos, encarecendo-lhes a caridade, o sinal inconfundível, por que todos os conhecerão como Seus discípulos; prepara-os de antemão, para as perseguições e rancores que os esperam; conforta-os e consola-os com a promessa do Espírito Santo e com a esperança da Mansão celeste junto do Pai.

Finalmente, roga ao Pai que exalte a Sua Humanidade; Suplica-Lhe a fidelidade para os Seus amigos mais íntimos — os Apóstolos; e, num olhar divino que abrangia todos os séculos, todas as raças e todas as gerações, dirige-se ao Pai, nestas palavras:

— «Não rogo, porém, só por eles, mas também, por todos aqueles que, por meio da sua palavra, hão-de crer em Mim: afim de que todos sejam um, como Tu, Pai, o és em Mim, e Eu, em Ti. ...para que o mundo creia que Tu Me enviaste». Jo XVII/20-21.

Que todos sejam um!

Unidade de todos, num só todo, eis a vontade de Cristo! Eis a Igreja, Corpo Místico de Cristo! Unidade, que envolve duas atitudes, humildes e generosas, do homem perante Deus:

— A Fé, adesão inteira e total à total revelação de Cristo. Caridade, lógica submissão, porventura heróica, às fortes exigências dessa mesma fé.

Que vemos nós, porém, no rodar dos séculos?

— Ao lado da verdadeira Igreja fundada por Cristo sobre as colunas firmes dos Apóstolos, um número quase incontável de pequenas e grandes seitas tem surgido, com o andar dos tempos, no horizonte esfumado do erro, quando homens, talvez bem intencionados mas cegos pelo orgulho, quizeram, por deplorável absurdo, emendar o que Deus havia feito.

Ter-se-ia, acaso, Deus enganado?!

Desde os primórdios da Igreja, vestida, então, de púrpura pelo sangue eloquente dos mártires, até aos nossos dias, a humanidade tem sido terreno fértil em heréticas separações:

— São, por exemplo, ortodoxos com uma vintena de igrejas autocéfalas, com as velhas igrejas nacionais: nestoriana, arménia, monofisita. É o Protestantismo: luteranismo, Calvinismo, subdivididos em centenas de pequenas comunidades, espalhadas abundantemente por todos os continentes; o Anglicanismo, Adventismo, etc., etc..

É caso para perguntar e responder com o Apóstolo:

— «Porventura, Cristo pode estar dividido?» (I Cor. I/3). De modo algum. «Há um só Senhor ,uma só fé, um só baptismo, um só Deus». (Eph. IV, 5-6).

Na verdade, uma parte considerável da humanidade, em vez de seguir o caminho recto, em direcção a Cristo, tomou os atalhos duma verdade mitigada e mesmo do erro, afastando-se cada vez mais.

Porém, desde o início deste século, um movimento de aproximação, oposto ao de 19 séculos atrás, começou a surgir.

Já em 5 de Maio de 1895, Leão XIII pedia, na Enc. «Provida Mater», que consagrássemos à oração pela reconciliação dos nossos irmãos separados, os dias que medeiam entre a Ascenção e o Pentecostes.

E, no fim da Encíclica sobre o Espírito Santo: «Divinum illud Munus» de Maio de 1897, estabelecia perpètuamente esta novena, «ad Maturandum Christianae unitatis bonum», enriquecendo-a simultâneamente de preciosas indulgências.

Mas, não obstante os desejos do Sumo Pontífice, sem haver má vontade da parte dos católicos, estes dias eram olhados quase inconscientemente, como uma preparação interior individual, para a vinda do Espírito Santo. E assim, a iniciativa não atingiu os fins em vista.

Dez anos mais tarde, uma outra iniciativa, sem dúvida inspirada pelo céu, brotou, então, do seio da Igreja Anglicana. Em 1907, o P.e Paul J. F. Watson e o seu amigo Rev.º Spencer Jones, meditando as palavras de Jesus, tomaram a resolução de consagrarem à oração pela mesma unidade os dias que medeiam entre as festas da Cadeira de S. Pedro em Roma e a Conversão de S. Paulo, celebradas respectivamente a 18 e 25 de Janeiro. Assim nasceu o Oitavário pela unidade da Igreja que, por graça de Deus, ràpidamente se comunicou à Igreja Católica e a quase todas as comunidades separadas.

Actualmente, o Oitavário é celebrado com um interesse dia a dia maior, unindo em comunhão íntima todos os cristãos. Orações, sacrifícios, renúncias, tudo, numa palavra, — porque tudo, na vida do cristão, pode ter valor de redenção — é oferecido nesses dias, a Deus, numa súplica fervente, suplicando-Lhe apresse a hora consoladora da fraternidade cristã, na unidade da mesma fé.

O resultado desta santa cruzada não se fez esperar; nem podia ser diferente daquele que o próprio Jesus Cristo lhe marcara, quando dizia: «Tudo o que pedirdes a Meu Pai, em Meu Nome, Ele vo-lo concederá» E também: «Batei e abrir-se-vos-á, pedi e recebereis, procurai e encontrareis».

Revistas abertas à cooperação de todos, qualquer que seja o seu credo; grandes conferências, mesmo congressos, celebrados sobretudo em Inglaterra, com a assistência de membros das várias nações e credos, afim de estudar os verdadeiros fundamentos da verdadeira Igreja; organizações de estudantes e professores, com o fim de crearem uma mentalidade nova, propícia ao desenvolvimento do movimento unitário; que é tudo isto senão os rebentos naturais e esperanças da boa semente lançada pelo Oitavário?

Ainda há pouco, um grupo de intelectuais calvinistas holandeses se reuniram com o fim de reformar a sua Igreja, depois de terem verificado, através do estudo da Sagrada Escritura, da História e dos Santos Padres, que se haviam afastado da verdade autêntica e que só a Igreja Católica se conservava na verdade.

Todos os anos batem às portas da Igreja Católica milhares e mi-

lhares de convertidos, sendo um bom número deles intelectuais. Em Inglaterra, a cifra anual de convertidos ultrapassa os 100.000.

A hora que passa é, na verdade, grande e risonha de esperanças.

Que o divino Espírito penetre e ilumine as inteligências ainda errantes e entenebrecidas, trazendo-as à luz da plena Verdade! que a sua fortaleza divina quebre os grilhões de tantas dificuldades que prendem a humana fraqueza dos que querem vir até Cristo! eis a prece confiante deste Santo Oitavário.

«Que todos sejam um, como Tu, Pai, o és em Mim, e Eu em Ti... para que o mundo creia que Tu Me enviaste». Jo. XVII/21.

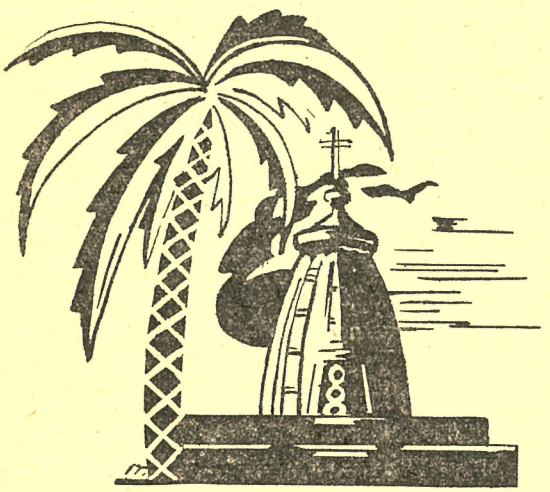
JOÃO GOUVEIA

«A todos e a cada um deles convidamos a darem ouvidos, de bom grado, aos impulsos interiores da graça divina....

Esperamo-los Nós, de braços erguidos e abertos, com a certeza de que entram, não em casa estranha, mas na casa paterna».

PIO XII

IMPRESSÕES DA INDIA



A única coisa em que Goa me desapontou foi o falar-se tão pouco o português. Pràticamente só as pessoas das classes mais cultas o falam. A classe média compreende-o mal e mal consegue fazer-se comprender; o povo nada compreende e nada diz.

Fora isto, tudo ou correspondeu ao que eu esperava, ou o ultrapassou.

Como é natural, comecemos pela parte eclesiástica e religiosa:

O clero, é, de maneira geral, culto, piedoso e alinhado. Verdadeiramente dedicado à sua igreja, espiritual e zeloso pela «casa de Deus», que traz sempre limpa e com cada coisa no seu lugar.

As igrejas paroquiais são grandes e aos domingos enchem-se várias vezes. Apesar de haver mais de 500 padres na arquidiocese de Goa, que tem a extensão territorial do distrito de Coimbra e uma população católica de 423.914 habitantes, muitos dos sacerdotes têm de binar e em muitas igrejas há várias missas.

A organização eclesiástica é paroquial, e por isso o clero diocesano dedica-se sobretudo à assistência aos católicos por todos os meios usados hoje em dia, em qualquer Diocese bem organizada.

O apostolado entre os pagãos, durante muito tempo foi quase nulo. Hoje existe a Sociedade de S. Francisco Xavier, ou do Pilar, congrega-

ção diocesana criada há poucos anos entre o clero secular que deseja consagrar-se às missões entre os indús. O novo Seminário foi solenemente inaugurado pelo Cardeal Legado às festas centenárias. Este Seminário já está cheio sem que tenham faltado candidatos ao Seminário diocesano. Também aos padres Salesianos foi entregue uma região de indús. A actuação de ambas as congregações tem trazido grandes esperanças à Diocese. Tudo é orientado superiormente pelo homem de valor invulgar que é o Snr. D. José da Costa Nunes, Patriarca das Índias Orientais.

Ali, os católicos são-no a valer; a sua piedade é francamente interior e espiritual; não fica só em manifestações externas e em atitudes convencionais.

Impressionou-me particularmente o respeito, a devoção ao sacerdote, e a assistência aos actos do culto. Entre eles, chamou-me mais a atenção a atitude do povo durante a procissão que conduziu o corpo de S. Francisco Xavier, da Igreja do Bom Jesus para a Catedral, a uma distância de cerca de 300 metros. O recolhimento, a devoção alheavam-no do espectáculo de maravilha que foi toda a procissão, para os pôr em colóquio íntimo e interior com S. Francisco Xavier e com Deus. Mais ainda do que a procissão pude avaliar a fé e espiritualidade daquela boa gente, durante a bênção do Santo Padre, radiodifundida no fim da sua alocução no Solene Pontifical do dia 3. Por momentos, esqueceram-se de S. Francisco, para se concentrarem profundamente; parecia que aquele povo via o mesmo Jesus Cristo, e recebia a Sua bênção directamente. Alguns parecia que se transfiguravam ao receber a bênção. Foi impressionante.

Deste respeito às coisas e pessoas consagradas partilhavam os indús e muçulmanos que, à passagem do padre se afastam respeitosos, ou se ajoelham de mãos postas para receber a bênção. Os indús não têm sacerdócio, porque não têm sacrifício, por isso não têm quem os ensine, nem têm uma lei, sòmente uma vaga tradição. Assim eles sentem a sua inferioridade, mas o problema das castas e da família dificulta-lhes gravemente a conversão ao catolicismo.

Na multidão inumerável que permanentemente ziguezagueava junto do corpo de S. Francisco Xavier, entre a já variadíssima e colorida indumentária dos fiéis, descobriam-se os trajes dos não católicos que também iam prestar a sua homenagem à santidade e à virtude. Os muçulmanos com as suas túnicas compridas, e os panos enfolados dos

indús que da cintura lhes envolvem as pernas até aos pés. Era pitoresco e comovente.

A população católica de Goa, preparou-se espiritualmente com toda a seriedade para o período da exposição do Corpo, por turnos sucessivos de exercícios espirituais na Casa de Retiros, que ainda não está concluída, num promontório elevado e isolado em Baga, a que dão o nome de «Colina da penitência e oração», porque tais devem ser as disposições de quem ali entra. Por ali passaram centenas de homens e mulheres, rapazes e raparigas de todas as classes sociais, e assim o mês de 3 de Dezembro a 6 de Janeiro, resultou em verdadeiro «mês santo», como o Ano Santo em Roma, apesar de ter aparecido por lá uma espécie de feira popular que esteve sempre completamente vazia.

Quanto ao aspecto político, nada notei de anormal. O povo pareceu-me feliz e contente naquele pedaço de terra portuguesa. Só percebemos que não estamos no Continente pela vegetação tropical e pela indumentária. De resto, a organização da vida política e social é exactamente a de cá.

O povo humilde vê que os do Industão procuram assìduamente aqueles três pedacinhos de Portugal para se abastecerem do que lhes falta, que é quase tudo. A classe culta, porque é culta, também se honra de ser portuguesa. Do lado de lá é que se nota uma certa cobiça, embora se diga que o Dr. Nerhu apenas faz aqueles discursos para dar uma satisfação ao povo e ter o seu apoio porque aliás, dizem, as relações entre os dois governos são das melhores. E... não soube observar mais do que isto...

O aspecto monumental é que tem o maior interesse para nós. As quatro grandes Igrejas da Velha Goa, em boa conservação e ainda com coisas muito boas, são os únicos edifícios que actualmente ali existem, e atestam o que os nossos maiores ali fizeram no campo material, moral e espiritual. A capela de S.ta Catarina, erguida à beira do rio Mandovi, precisamente no local onde desembarcaram pela primeira vez os nossos homens, no dia de St.ª Catarina, enche-nos de emoção, por ter sido o primeiro templo católico erguido naquela região e o primeiro em toda a Índia depois da evangelização de S. Tomé. Mais adiante, está a capela de S. Francisco Xavier junto à porta do antigo colégio de S. Paulo, o primeiro seminário indígena erguido no mundo, há 400 anos!!!

E o Monte Santo, colina onde estão as ruínas de vários conventos

e a Capela de Nossa Senhora do Rosário, construída no local de onde Albuquerque comandou o ataque que conquistou a cidade? E os canhões que por lá se encontram junto à costa? E quantas coisas mais que nos dizem tanto, tanto...

No aspecto paisagístico, bastará dizer que todo o território da nossa Índia é como que uma Sintra gigantesca e melhorada à beira-mar, atravessada por dois grandes rios e inúmeros canais e ribeiras, formando um conjunto de ilhas maravilhoso. As aldeias, vilas e cidade só se descobrem quando já dentro delas, pois estão todas cobertas por uma floresta densa e luxuriante.

A agricultura é fácil. As àrvores dão-lhes quase tudo, ficando apenas os arrozais para amanhar.

E por hoje, aqui ficam estas impressões de Goa, contadas à pressa.

CÓNEGO D. JOÃO FILIPE DE CASTRO

Fala o Padre Gaston Fournier

— Alguns aspectos da eloquência francesa
— Um romance de Van der Meersch

A convite da «Alliance Française», organização destinada a intensificar as relações culturais e artísticas entre França e Portugal, esteve no nosso país pronunciando conferências nalgumas cidades, o P.e Gaston Fournier, figura proeminente de intelectual e mestre notável da moderna oratória sacra.

Estimulados pelo prestígio que envolve o seu nome, resolvemos procurar Sua Reverência e assim conseguir algumas declarações suas a respeito de determinados problemas que nos interessam e em que é autoridade.

O P.e Gaston Fournier recebeu-nos com um sorriso simpático de acolhimento, semblante interessado e benevolente. E a olhar a janela foi o primeiro a falar:

— Como é belo o céu de Portugal!

Resolvemos, antes de tudo, registar mais este testemunho sobre a bonomia tradicional do clima da nossa terra.

Logo de início procurámos informar-nos sobre as perspectivas que a arte da oratória actualmente oferece no país de Bossuet e Lacordaire.

— Nos meios eclesiásticos franceses o interesse pela eloquência sagrada tem aumentado ou diminuído, nestes últimos tempos?

— «Decididamente posso afirmar que em França o interesse pela arte da pregação tem decrescido a olhos vistos. O clero novo, saído há trinta anos para cá deixou de acreditar na eficiência da palavra. Todavia os padres novos estão completamente enganados, uma vez que existe hoje da parte dos fiéis uma verdadeira avidez de ouvir comentar o Evangelho. Quando um pregador revela as descrições da vida do Senhor, fazendo-a renascer aos olhos dos ouvintes, estes ficam entusiasmados e as igrejas enchem-se por completo à hora do sermão.

Ler na Igreja, eis um grande erro em que frequentemente caiem os padres novos. Os ouvintes não suportam de modo algum uma simples leitura. É uma palavra saída do fundo da alma que eles desejam ouvir. Já vai para cima de seis anos que o célebre pároco P.e Michonneau de Colombes, perto de Paris, forma os seus coadjutores na arte de comentar o Evangelho duma maneira simples, e o sucesso tem sido enorme.

Um outro grande erro do clero novo foi ter abandonado Bossuet e Bourdaloue. Todo aquele que deseje pronunciar do púlpito um pensamento profundo, deverá antes de mais ir consultar estes génios imortais do sec. XVII. Não se trata evidentemente de falar empregando a sua fraseologia, mas sim de transmitir os seus *pensamentos* em linguagem do nosso tempo».

— Até que ponto pode atribuir-se esse menosprezo da pregação, por parte do clero novo? À importância essencial que hoje se concede a outras actividades de apostolado mais... social?

— «Em França um dos aspectos do problema é este: a maioria dos assistentes da Acção Católica são a causa do descrédito do clero pela pregação. Querem contentar-se com o círculo de estudos. Ora entre um círculo de estudos em ambiente de troca de impressões e um sermão no púlpito, existe um abismo.

Suficientemente informados enveredámos por um campo mais teórico.

— Quais são, segundo o parecer de Vossa Reverência, as qualidades que deve esforçar-se por adquirir aquele que tem por missão pregar em púlpitos de hoje?

— «A simplicidade antes de mais. Em França há um verdadeiro horror pela grandiloquência. O estilo de conversa é o mais bem recebido. Mas o que sobretudo exigem os ouvintes é uma *sinceridade de alma* que queime como uma chama. O ouvinte francês quer ainda que o padre lhe fale «cum clamore valido» mas é preciso que este brado poderoso parta do mais profundo da sua alma. Não um grito de garganta mas do coração. Sim, a qualidade essencial do pregador exigido pela assistência é uma sinceridade que é necessàriamente simplicidade. Qualquer francês contemporâneo tem um horror instintivo pela palavra que não é mais que palavra. A eloquência de há cinquenta anos está definitivamente sepultada».

Transparecia nas palavras do nosso entrevistado aquela mesma sinceridade e sobriedade que recomendava.

Apelámos em seguida para o testemunho da experiência do P.e Gaston Fournier, como pregador de larga actividade, e convidámo-lo a elucidar-nos sobre os temas de pregação que hoje mais cativam e arrebatam.

— «O Evangelho permite que o pregador se ocupe de todo e qualquer problema da sociedade moderna: a família, a questão social, a autoridade, etc.. São sempre recebidos com franco acolhimento quaisquer palavras com base no Evangelho».

*
* *

Sabíamos que numa das conferências proferidas em Lisboa o P.e Gaston Fournier versara o tema «A la recherche de l'authentique amour» onde, num trabalho de fina observação veementemente pronunciado, falara de Maxence Van der Meersch, com quem privou de muito perto e da obra prima deste escritor, o tão divulgado como debatido romance «*Corpos e almas*».

Concluimos estar diante da pessoa mais indicada para nos falar, com conhecimento e acerto, do famoso autor de «*Pescadores de homens*». Por isso continuámos.

— Acredita V. Rev.a na pureza e sinceridade da fé católica de Van der Meersch?

— «Absolutamente. No entanto Van der Meersch ficou bastante desiludido com muitos padres. Ainda mais que Bernanos, não concebia um ministro de Deus que não fosse um santo. Instintivamente chocado com a mediocridade humana de alguns padres, decidiu-se por um género de religião muito pessoal e que abstraía do padre. Neste ponto o seu cristianismo pode chamar-se protestante.

Resta, porém, que Van der Meersch falava contìnuamente com Deus. Ninguém foi mais sincero na fé em Jesus Cristo a Quem admirava e amava profundamente.

A confirmar contou-nos como da primeira vez que encontrou Van der Meersch este lhe perguntara logo no princípio: «O senhor é um padre santo?», e como perante a sua natural surpresa e hesitante evasiva o escritor rematara: «Se o senhor não é um padre santo é inútil conversarmos».

Na mencionada conferência, o nosso entrevistado havia revelado com base em esclarecimentos recebidos do próprio romancista a verdadeira fisionomia do romance. Decidimos também informar-nos.

— É verdadeiramente cristã a maneira como são encarados em «*Corpos e almas*» o mundo e os homens?

Em resposta distinguiu:

— «Há o drama dos corpos e o das almas. Sobre o drama dos corpos não me pronuncio, diz respeito à medicina. Quanto ao drama das almas, é uma tragédia corneliana autêntica à procura do verdadeiro sentido do amor».

— E os personagens criados pelo escritor atingem realmente esse amor autêntico?

— «Sim. O verdadeiro amor não é um passatempo, uma distracção, muito menos, como acontece na maioria dos casos, um egoísmo que faz do ser amado, simples instrumento do prazer. Quando alguém diz: *amo-te,* afirmava Van der Meersch, novecentos e noventa e nove vezes em mil, deve traduzir-se: *amo-me em ti.*

A prova de que se ama é dar a vida pelo ser amado: afirmação de Cristo que Van der Meersch procurava viver.

O dilema põe-se na vida de cada um: ou o amor de outro exigindo até ao heroismo, ou o amor de si exigindo até à infâmia. Todavia, para que o amor humano atinja o heroismo da doação, do desinteresse, do esquecimento de si, é necessário que venha de algo mais elevado que o homem precisa de ter Deus como origem. Deus é amor. Daí, só há dois amores: o amor de si e o amor de Deus.

É neste campo de luta entre dois amores opostos que se situam as figuras do romance: Michel, Fabienne, Doutreval...

Levanta-se todavia uma questão teológica em que é insustentável a posição de Van der Meersch. Sem oração como conseguir o amor autêntico que exige o heroísmo? Sem a graça não há actos heróicos e a graça consegue-se pela oração. Ora os heróis de *Corpos e almas* não rezam.

Terminámos inquirindo sobre as circunstâncias religiosas da morte do escritor. Depois de informarmos que correm entre nós as mais diversas opiniões, fomos assim esclarecidos:

— «Morreu sem o padre, exclusivamente porque a isso se opôs a sua filha que era existencialista e seguia o ateísmo.

Ao darmo-nos por satisfeitos o P.e Gaston Fournier ajuntou a concluir:

— «Falo para seminaristas, permiti-me um conselho: se quereis ser bons pregadores aprendei de cor o Evangelho».

ABÍLIO TAVARES

Grandes Figuras do Catolicismo



F. MAURIAC - - o Cristão e o artista

A consagração anual do Prémio Nobel de Literatura não costuma descobrir valores novos. Atribui-se pelo conjunto da obra a escritores que de há muito vinham a adquirir realce no mundo das letras. Atendendo a esta particularidade, fàcilmente se compreende que só agora tenha sido consagrado um escritor cujas obras essenciais já têm pelo menos boa meia dúzia de anos.

Mas a atribuição do Prémio Nobel de 1952 a François Mauriac reveste-se, para nós, de um símbolismo especial que talvez tenha passado despercebido aos membros da Real Academia Sueca: a consagração da posição desassombrada de Mauriac no nosso mundo.

Atravessamos um momento histórico excepcional: estão em jogo a libertação ou o aniquilamento da sociedade. E ao serviço de qualquer dos campos mobilizaram-se todos os valores humanos. Ora a obra de arte é uma flor delicada e preciosa chamada à existência para deixar um rastro luminoso de beleza, num ambiente de serenidade. E quando está em jogo o futuro da sociedade não há tempo nem ambiente para a gratuidade da arte.

A Arte não fica presa a determinada estética, os tempos atribulados têm a sua Literatura, mas o certo é que as obras que maior favor mereceram junto do público do após-guerra nos impressionam por

qualquer outra coisa que já não é bem arte, porque é vida — impressionam-nos enquanto pedaços de alma, documentos da vida humana ameaçada que procura subsistir a todo o custo.

Estamos porventura a caminho de uma Literatura nova, uma Literatura viva. O artista não viverá isolado na sua Torre de Marfim, numa indiferença estudada pelo sofrimento alheio.

*

* *

«Em tempo de guerra não se limpam armas» — diz a voz do bom senso.

E com efeito, a partir de 1939, o patriotismo de Mauriac embrenhou-o nas lutas da imprensa clandestina da Resistência. E logo nos primeiros dias do após-guerra apresentou-se em toda a pujança como uma grande figura do Catolicismo francês.

Desceu à liça a defender a mensagem cristã e a apresentá-la purificada e liberta em periódicos de larga divulgação, sempre com um juízo católico sobre todos os acontecimentos culturais e religiosos do nosso tempo.

A obra de Mauriac forma um todo indivisível. As obras de ficção traiem uma mentalidade que necessitava de outros meios de comunicação com os leitores. «O escritor é essencialmente um homem que não se resigna à solidão». (1)

Para interpretação justa das figuras que criou são indispensáveis os ensaios críticos tão penetrantes onde se levanta em bases novas a posição do católico perante o sentido estético.

Vêm em seguida as biografias de figuras com quem conserva profundas afinidades: Pascal, Racine, Proust, biografias que se poderiam chamar interpretativas e onde descobre sempre o aspecto trágico da existência.

E já não falo das inesquecíveis memórias biográficas daquele adolescente provinciano que tão cedo despertou para a vida e começou a sentir-se dividido e solicitado por dois poderes contrários: Cristo e o mundo. Neste aspecto da obra de Mauriac devem salientar-se «Vida de Jesus», interpretação apaixonada da figura de Cristo e o admirável «Jeudi Saint», meditação vibrante sobre os mistérios da Eucaristia e da Redenção.

---

(1) «Dieu et Mammon», pg. 145

Tais obras revelam o artista e o pensador. Mas apresentam-nos ainda um temperamento interiorista, fechado à solidariedade humana. Seria talvez a influência perniciosa do meio burguês onde nasceu e cresceu para a vida...

Nos três volumes do «journal» é que Mauriac parece ter conquistado o que um crítico chamou «o universalismo cristão». (1) Aqueles volumes são como que um prelúdio da sua actividade durante a guerra e resumem todo o seu pensar, extensivo ao campo vastíssimo dos interesses humanos, aberto à compreensão de todos os problemas.

*

* *

Apesar de tudo, e muito embora já não sejam do gosto do grande público, a verdade é que os romances de Mauriac, permanecem, na perene actualiade das obras de arte. Ainda são bem actuais as grandes tragédias gregas. E Péguy dizia com graça que nada é tão velho como o jornal que todas as manhãs nos chega com notícias frescas.

Nos livros de Mauriac não ecoa a inquietação metafísica de nossos dias, não transparecem os anseios de renovação do mundo moderno. Mas reside neles aquilo que faz a perenidade da obra artística e por isso mesmo se dirige expressamente aos homens de hoje, como se dirige aos homens de todos os tempos: a luta do homem consigo mesmo.

Toda a Literatura do após-guerra se tem esforçado por denunciar o descalabro da sociedade: é inaceitável a actual condição humana.

Mas dessa mesma Literatura ressalta apenas uma lição amarga de desespero. O homem sente-se incapaz e desenganado. Tal sentimento não é intrìnsecamente mau. O conhecimento dos nossos limites é a base para reconhecermos em Deus a nossa suficiência.

O homem nunca pode estar contente consigo próprio. Mas as acusações contra os limites da sociedade moderna provêm de indivíduos que em si reconhecem os limites da existência.

É mais fácil denunciar que reconstruir. Muitos querem resolver as contrariedades fora de si próprios, fechando os olhos às contradições que pululam dentro de si mesmos. Querem todos renovar o mundo mas são raros os que começam por si. É uma evasão infrutífera e ilusória. Só na medida em que nos renovarmos estaremos a contribuir para a renovação do mundo.

---

(1) cf. Émile Rideau, «Comment lire F. Mauriac» pags. 25-26.

Não podemos ficar indiferentes nem diante da vida nem diante de Deus. Antes devemos agradecer ao Criador o ter-nos chamado à existência.

O grande mérito de Mauriac, quando por toda a parte tentam explicar-se irresponsàvelmente os actos humanos, está precisamente em insistir nas responsabilidades individuais da pessoa integrada nas responsabilidades sociais da colectividade.

*

* *

A ordenação recta da nossa vida é um ideal de que nos vamos aproximando, não é uma realidade estática.

Pela sua natureza diminuída, disputado por dois poderes antagónicos, o homem não segue em linha recta para o fim último, e peca.

Daquela experiência singular que ficou gravada em inesquecíveis páginas autobiográficas, Mauriac trouxe para as obras de ficção o que poderia chamar-se a *lucidez* do pecado.

Porque conservam sempre o sentido de Deus, as figuras miseráveis dos seus romances não perdem nunca o sentido do pecado. Vivem na obsessão do pecado.

Pecam, mas caiem conscientemente, mesmo quando arrastados por forças superiores da hereditariedade ou do subconsciente. Sabem que vão contra Deus. Pecam contra a luz. E são infelizes.

A muitos críticos parece excessivo este pessimismo. Na verdade, mais do que as afirmações explícitas, é bem significativa a baixeza moral de tais figuras.

Mas compreende-se que Mauriac não quer estabelecer doutrina sobre as possibilidades da natureza. Verifica simplesmente, e com extraordinária lucidez, como ela é finita e imperfeita. Mas não é incompleto.

Não deixa o homem sòzinho, entregue às suas contradições. Cristo, e só Cristo pode sarar-lhe as feridas. Para tanto, basta apenas que o homem se abra à acção divina. A este chamamento interior, na base do qual está a humildade sincera, a graça entra a jorros com uma vitalidade magnífica.

É verdade que nos seus romances é raro encontrar quem possua esta felicidade. Mas o romance não admite formulação de teses. Por natureza, a Arte sugere... e o leitor colabora completando. Assim é que em toques imperceptíveis, em hábeis sugestões psicológicas, o Autor

apresenta a graça a actuar nas almas miseráveis e a encaminhá-las para a vida eterna.

Esta possibilidade de recuperação existe na mais perversa das criaturas. «Só o desespero é irremissível...» «Não há abismos que a misericórdia não cumule» «...Não há fenda por onde ela não possa introduzir-se». (1)

É difícil sair da indecisão. O homem tem de aceitar varonilmente exigências de vida nova. E o mal está dentro de si. «Mas não há, sem dúvida, pior atitude, que a do homem que não escolhe, desiste a meio do caminho e não cede senão um pouco». (2)

Após a revelação cristã o homem não está sòzinho: tem a seu lado a presença encorajante do Divino Mestre. E por isso não pode ficar indiferente. Tem de pronunciar-se com generosidade.

Mauriac é violento ao procurar sacudir uma certa mediocridade burguesa que vive de bem com o mundo e com a Igreja, num equilíbrio difícil e arriscado.

E, na esteira de Pascal, de quem aliás depende grandemente, levanta de novo o problema da aposta: «no plano sobrenatural, não escolher é já uma escolha». (3)

E o homem não é obrigado a mais. A sua restauração pela graça é já dom de Deus. Deus não pode salvá-lo contra vontade, e mais não exige que um estado de aceitação, de abandono — o consentimento a não se defender, a não se opor... (4) E vem ao de cima a formação teológica de Mauriac: «É já dom de Deus o amar a Deus e o seu amor recompensa-nos por aquilo que o seu amor nos deu. Para o bem, Ele é que começa. Para o mal nós é que começamos. Cada vez que praticamos o bem, Deus é que opera em nós e connosco». (5)

*

* *

Portanto, é a sua visão católica que lhe permite levantar o problema com tal lucidez. Sem esta luz, ou se minimizam os valores da esperança ou se esquecem os limites da natureza.

---

(1) cit. em Emile Rideau, ob. cit., pg. 47.

(2) «Souffrances et Bonheur du Chrétien», pg. 55.

(3) Souffrances et Bonheur du Chrétien, pg. 98.

(4) cf. Dieu et Mammon, pg. 189.

(5) Les Anges noirs, pg. 196.

A obra de Mauriac não é perfeita. Será discutível a predominância do aspecto erótico, o que a reserva para as pessoas equilibradas e de certa formação. Assim como é para lamentar que não sejam muito variadas as suas perspectivas. Em todos os romances observamos um repisar constante do mesmo problema, o seu próprio problema.

Mas o que porventura tenha perdido em extensão, ganhou-o em profundidade. Poucos escritores penetraram tão fundo no coração humano. E apesar de todos os limites, entre os quais deve ainda incluir-se uma certa impressão de acabrunhamento e desânimo perante a existência concreta, Mauriac é portador de mensagem de esperança.

Mestre na pintura do homem sem Deus, ele é também exímio na arte de sugerir a esperança.

A. JORGE

* * *

«A verdadeira Igreja não divide o homem, não o trata como puro espírito. Capta nele todo o sensível, fonte dos maiores crimes e da mais ardente dedicação. Desvia este rio impuro, afasta-o da criatura; e as nossas lágrimas e beijos chegarão purificados Àquele que nos prometeu: «Atrairei tudo a mim».

F. Mauriac, «Le Jeudi Saint», pág. 46

"Leis esquecidas,,



Os decretos da Santa Sé referentes ao uso da luz eléctrica nas igrejas andam esquecidos, a ajuizar pelas surpresas de cada dia. E não raro se ouvem testemunhos judiciosos e sinceros sobre a desagradável impressão que se experimenta na visita a algumas igrejas. Levados os fiéis pela aspiração de encontrar nelas o ambiente recolhido e piedoso próprio da natureza da casa de Deus, topam com cenários surpreendentes. Quando pensamos que as empresas de teatro não encontram rival na iluminação feérica dos seus cartazes, quase temos de admitir que os têm na iluminação decorativa de uma ou outra igreja.

Será a iluminação de um templo questão tão merecedora de reparos?

Sim, é deveras importante e desde remotas eras ela preocupa a disciplina regulamentar da Igreja, como o testemunham os cânones apostólicos do séc. IV; e acentuou-se de um modo particular esta regularização em épocas posteriores, devido ao desenvolvimento notável alcançado pelo culto com o brilho e enriquecimento progressivos.

O aparecimento da electricidade a encher com profusão de luz os mais obscuros lugares, marca um novo período na iluminação dos templos. O primeiro decreto aparece em 4 de Junho de 1895, como resposta à ansiedade de alguns Ordinários em levar para as suas igrejas a benéfica vantagem da luz eléctrica. Permite nesse decreto a Sagrada Congregação dos Ritos o emprego da electricidade, não para o culto mas para dissipar as trevas e iluminar mais esplendorosamente o templo, excluindo e acautelando todo o aparato teatral. Decorridos doze anos (22 Novembro 1907), a mesma Sagrada Congregação, ouvido o parecer da

Comissão Litúrgica respondeu a inúmeras instâncias referentes ao uso da luz eléctrica, e nesta resposta se insinua já o abuso e interpretação larga do decreto de 4 de Junho de 1895. Assim se exprimiu a Sagrada Congregação: «é proibido o uso da luz eléctrica sobre o altar em combinação com velas de cera, bem como a substituir velas ou lâmpadas prescritas para arder diante da SS.ma Eucaristia ou sagradas relíquias. Em relação a outros lugares da igreja e noutras circunstâncias o seu uso é permitido a prudente juízo do Ordinário, excluído sempre o aparato teatral».

A sobriedade da resposta traduz o cuidado da disciplina eclesiástica em obstar a que se introduza tudo quanto possa quebrar o ambiente tão peculiar à casa de oração por excelência.

Uma exposição de dúvidas e algumas consultas feitas em 1911 por D. Raimundo Ibarra e Gonzalez, Arcebispo Angelopolitano (República do México), indicam com evidente clareza que no Novo Mundo alguns costumes se tinham introduzido bem à margem do pensamento da legislação vigente e que esses abusos eram objecto de controvérsia. Inquiria S. Ex.a Rev.ma se era lícito colocar no altar em que o SS.mo Sacramento está exposto à adoração pública dos fiéis, lâmpadas eléctricas já ao redor do sacrário, já entremeadas com as flores postas nos intervalos dos castiçais. O segundo ponto a dirimir dizia se era permitido rodear as imagens do Sagrado Coração de Jesus e da SS.ma Virgem com lâmpadas a modos de fulgente coroa sobre a cabeça, de lua sob os pés, de luminosos raios, ou ainda por artifício de lâmpadas vermelhas, fingir línguas de fogo sobre a cabeça dos apóstolos. A Sagrada Congregação como resposta remete o consulente para os referidos decretos de 4 de Junho de 1895 e de 22 de Novembro de 1907.

Positivamente, em que moldes está a lei? I — Sobre o altar juntamente com velas e diante do SS.mo Sacramento em substituição da luz prescrita não é permitido o uso de luz eléctrica. II — Deixa-se ao juízo prudente do Ordinário o seu uso em outros lugares da Igreja. III — Deve excluir-se sempre tudo o que lembre pelo seu conjunto, aparato teatral.

Visitando certa igreja, num dos dias da novena da Imaculada Conceição, topei com este luminoso atractivo: num altar lateral em que se entrelaçavam bambinelas e artísticas sanefas num matiz de azul e branco, em que os contornos eram evidenciados por séries polícromas de pequenas lâmpadas, estava uma imagem de Nossa Senhora coroada por doze estrelas que eram outras tantas lâmpadas, tendo aos pés um crescente

formado por engenhoso feixe de luz. O corpo da Igreja, mal iluminado, deixava evidenciar o altar da novena. A impressão provocada por aquele espectáculo fez surgir em mim a pergunta: é reprovada ou lícita tal ornamentação? Ao inteirar-me do pensamento da lei que exclue tudo o que faça suscitar a nota de aparatoso, de teatral, encontrei a resposta para a minha admiração e para quantos a possam experimentar de igual modo.

Quanto não lucraria ali uma iluminação discreta, sóbria, na medida do possível indirecta, ficando desta sorte salvaguardados o pensamento da lei, o sentido estético e a própria ideia cristã da luz que se reveste de alto simbolismo.

E nas exposições do Santíssimo, quantos abusos a lamentar e corrigir? Não é sem surpresa que vemos uma vez ou outra iluminado interiormente o sacrário, que vemos a sagrada hóstia tornar-se mais lúcida ao ser colocada no lugar da exposição e tudo isto a indicar a existência de uma lâmpada eléctrica dentro do sacrário ou colocada por detrás da custódia. Esta prática é totalmente reprovável.

Precavendo o leitor que na posse da lei possa lançar-se na atitude crítica do que no futuro se lhe depare, deve dizer-se que em 13 de Maio de 1942 a Sagrada Congregação dos Ritos confiou à prudência dos Ordinários a faculdade de permitir que em circunstâncias extraordinárias (a guerra de 1939-1945) na falta de cera de abelhas, seja reduzido o número de velas prescrito para as funções sagradas, perfazendo-se o número exigido por quaisquer outras luzes mesmo eléctricas.

EUGÉNIO DOS SANTOS

Pela imprensa estrangeira

« O Baptismo, admissão no Povo de Deus » — «Paroisse et Liturgie», Novembro de 1952.

Os problemas pastorais apresentam-se em nossos dias com exigências de soluções adequadas e precisas. Hoje mais do que em outra época histórica, requere-se a manisfestação vital intensa e fecunda do Cristianismo através dos seus membros.

O cristão é coagido a assinalar bem a sua posição de crente a quem subordina toda a sua actividade de homem que enfrenta o ateísmo militante ou o indiferentismo religioso.

Ora a cerimónia do baptismo em casos frequentes reveste tão sòmente o caracter de formalidade vazia de sentido religioso, não transcendendo um gesto meramente tradicional ou necessário por conveniências de ordem social.

O número de Novembro da «Paroisse et Liturgie» insere nas suas páginas as consclusões da Sessão de Versalhes de 1952, em que se dão algumas sugestões práticas aos párocos.

Primeiramente vincam-se algumas verdades indispensáveis de carácter doutrinário.

A concepção básica do baptismo é ser encarado como sacramento da «agregação ao povo de Deus».

Ora o povo de Deus é distinto de todo e qualquer outro povo: é a «federação de todos os homens chamados por Deus a viver na sociedade de Deus».

O Baptismo apresenta-se como resultante duma escolha livre de Deus e por isso a Igreja «não hesita em baptizar as crianças mesmo sem que estas possam realizar qualquer acto livre».

Agrega a um povo já existente: reveste consequentemente um carácter comunitário. Sobre a comunidade impende de algum modo a responsablidade da vida cristã do novo membro: «a Igreja conta com o auxílio de todos e de modo particular com o da Comunidade Paroquial para o crescimento da fé recebida no baptismo».

Mas o sacramento por excelência da iniciação cristã é também um Rito Sagrado. O povo de Deus vive na terra. Por isso não se pode encarar exclusivamente sob o restritivo de interiorização espiritual que o especifica na categoria de Família de Deus, e com algo de exterior e dele desligado, uma organização sociológica semelhante às outras sociedades humanas. Não, porque «a instituição religiosa, a Igreja visível procura por si mesma a união com Deus. O baptismo não se une a Deus apenas no momento da incorporação sensível; une-se pela própria incorporação sociológica».

Resulta pois uma dupla consequência: só o baptismo agrega à Igreja; a criança que recebe o baptismo, ainda antes de atingir o uso da razão já tem a fé.

Conclui-se portanto que a solicitude do pastor não se pode confinar ao momento da administração do sacramento cuidando da sua validez. Deve estender-se à formação do novo cristão.

Sendo um rito sagrado, é a primeira expressão da solicitude maternal da Igreja a quem compete «alimentar, proteger e desenvolver a fé recebida no dia do baptismo».

O povo de Deus apresenta ainda uma outra nota peculiar: é um povo escatológico. A Igreja é o povo de Deus ainda não fixado na sua pátria verdadeira. É peregrino em desterro duma terra de promissão situada no além tempo. Está já na posse de Deus é certo, mas pela Fé e em Esperança e não ainda no seu modo perfeito que se realiza pela Visão.

O povo de Deus não é portanto uma sociedade de homens que realizaram na sua plenitude relativa, o ideal da perfeição: «a Igreja terrestre é uma Igreja militante e cada um dos seus membros

tem que renovar incessantemente a sua iniciação... pela profissão da sua fé, audição da palavra de Deus e num esforço constante para uma mudança da vida».

Depois destas orientações doutrinárias seguem-se as aplicações em ordem à pastoral.

E a primeira é resposta à dúvida levantada pela constatação do cristianismo oficial da maioria dos baptismos — cristãos que o são só pelo facto de terem recebido o baptismo. Será preferível o recusar o baptismo?

Pelas afirmações anteriores se conclui não poder considerar-se desligado da comunidade eclesial o não praticante desde que não tenha negado explicitamente e exteriormente a sua fé.

Não se pode negar portanto o baptismo a uma criança só pelo facto de não serem os seus pais praticantes.

A Igreja só o recusa no caso do perigo de apostasia e nunca em relação aos outros pecados.

Ainda que a fé dos pais seja para ter em linha de conta não o deve ser com carácter exclusivo. A educação religiosa não depende só dos pais. É função simultânea dos pais, padrinhos, pároco e comunidade.

Por outro lado é necessário atender às consequências que talvez a recusa do baptismo ocasionasse. A sua não realização implicaria nalguns casos «a rejeição definitiva da Igreja dos homens de boa vontade. Não se pode apagar a mecha que ainda fumega».

Tem que se atender à psicologia especial dos que vêm solicitar o baptismo. «No seu pedido existe uma atitude religiosa de mistura com reacções supersticiosas ou conformistas. Incumbe ao padre desemmaranhar caridosamente tal atitude e dar-lhe toda a consciência e relêvo».

A Igreja condenou sempre em todos os tempos as atitudes severas e rigorosas. O pároco deve empregar todos os meios em evitá-las, tendo sempre presente que o Senhor veio curar os doentes e alentar os fracos.

Os pais ou solicitantes do baptismo não podem ser considerados indiferentes ao rito baptismal ou aqueles a quem se relega o papel de «regulamentação» da cerimónia na sacristia.

O pároco deverá aproveitar o contacto com a pessoa de família que vem solicitar o baptismo para a instrução pessoal e sendo possível tentará um contacto mais íntimo visitando a própria família em casa e inculcando-lhe a responsabilidade e deveres do baptismo.

Nos casos mais difíceis poder-se-á pedir uma promessa explícita da educação religiosa da criança.

Esta deverá encontrar mais tarde uma ambiência paroquial que lhe torne a vida cristã atraente e agradável. Portanto o pároco não pode negligenciar este elemento de formação.

Não se podem desprezar como pormenores sem importância os ornamentos sacerdotais, a concha para a água, a vela de cera que sendo embora «elementos humildes são indispensáveis para a celebração».

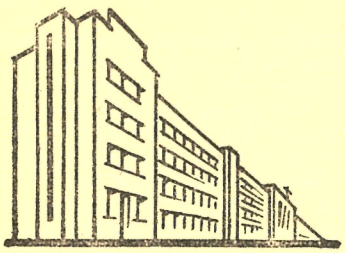
A observância integral das rúbricas, como o início da cerimónia à porta da igreja, têm a sua contribuição no despertar da consciência ante o sagrado.

A Comunidade Paroquial deverá também estar presente por alguns dos seus membros que darão ao baptismo todo o seu sentido eclesial.

O baptismo dos adultos revestir-se-á sempre da maior solenidade e ocupará o lugar de proeminência na igreja como sendo de «honra e alegria da comunidade paroquial».

E a terminar: «os padres jamais devem esquecer que o modo como celebram o baptismo, quer se trate duma criança, quer seja dum adulto é a mais bela e comovedora catequese que podem fazer sobre o baptismo».

HUGO DE CARVALHO



CRÓNICA

Reunião de curso

Os componentes do curso teológico 1943-1947 resolveram vir ao Seminário matar saudades....

Quizeram, por momentos, viver mais intensamente aquele espírito de união que cultivaram no Seminário e que, não obstante a vida tê-los separado, perdura ainda.

É prova disso a reunião que levaram a cabo no dia 27 de Novembro, que se revestiu do maior brilhantismo.

De manhã celebrou solene Pontifical o Senhor Cónego Vice-Reitor que foi servido exclusivamente por sacerdotes do curso. E em ambiente festivo foram solenizados todos os actos do dia, inclusivamente as refeições.

À noite teve lugar uma sessão solene presidida por Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo de Cízico, à qual se dignou também assistir o Senhor D. Policarpo da Costa Vaz.

Primeiramente falaram eles, *por intermédio do Rev.mo P. Albino Cândido Lopes, do que foram os cinco anos de vida sacerdotal. Afirmaram como por sobre as dificuldades e obstáculos inevitáveis paira a consciência da sua missão sublime, penhor daquela felicidade que os faz dizer: «Vale a pena ser sacerdote!»*

O Rev.mo P. António Martins Belém evocou tudo aquilo que torna inesqueciveis os tempos de Seminário, desde as figuras venerandas dos professores até ao próprio ambiente que se respira. Terminou com caloroso agradecimento ao Senhor Cardeal Patriarca e ao Senhor Cónego Vice-Reitor. Pelo Seminário o Senhor Cónego Vice-Reitor felicitou os sacerdotes reunidos que também foram elogiados pelo Senhor Arcebispo de Cízico em palavras tocantes de solicitude e simplicidade.

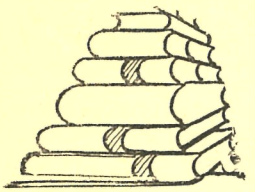
Nós também falámos. O Rev. Manuel Martins Heitor falou do nosso especial agradecimento pelos sacerdotes que nos visitaram. Realmente beneficiámos bastante. Os que já há cinco anos percorrem os cumes da montanha santa quizeram confraternizar conosco que ainda vamos em plena encosta. E a sua presença foi um estímulo.

Intimidamo-nos, por vezes, ao medir toda a extensão e peso das responsabilidades que nos esperam. Os sacerdotes de 1947 trouxeram ao Seminário uma «lufada» de entusiasmo sacerdotal. A vitalidade e pujante dinamismo que exteriorizaram, infundiram-nos confiança no futuro que Deus nos reserva.

«Queremos trabalho e nisto pomos a nossa glória» afirmaram. A abnegação deste testemunho, que escutámos, tem segredos de especial incitamento.

Como fecho da sessão foi de novo representada a peça «Comandante abaixo de Deus» em homenagem às ilustres visitas, nossos irmãos mais velhos.

Academia de Santo António



Os esforços no sentido de emprestar aos trabalhos que preenchem as sessões um máximo de atractivo têm sido justamente recompensados. Comprova-o o interesse da assistência que tem acorrido em grande número.

Na verdade é difícil ficar indiferente perante temas actualíssimos de interesse e programas que atraiem pela sua variedade. Só temos que nos regozijar e redobrar de esforços para que muitos aproveitem muito.

Na última sessão o académico Fernando da Piedade Melro focou o tema: «O romancista e o problema do mal» evidenciando perfeito domínio do assunto. Com clareza e documentação referiu-se à moderna concepção do romance que consegue fazer verdadeira arte, arte da mais moderna, descrevendo o dia a dia, a vida dos homens e das sociedades. E como a moral acompanha sempre o humano, é o romance que duma maneira particular suscita o problema das relações entre a ordem dos valores artísticos e a dos valores morais. Depois de versar este problema sempre debatido, concluiu que a descrição do mal, indispensável para salvaguardar a verdade e a verosimilhança do romance, não se opõe aos princípios morais, desde que o romancista o faça com elevação.

Em 14 de Dezembro reuniu-se de novo a Academia de Teólogos. Foi a vez de Horácio Correia apresentar um trabalho sobre o Espiritismo. Provou a inconsistência filosófica dos princípios e o aspecto condenável das práticas.

O académico Manuel Gomes Soares fez, em seguida, uma síntese do decreto publicado sobre a campanha contra o analfabetismo precedida duma breve apreciação.

Foi também ditado pelo tesoureiro António Jorge Martins a última série de perguntas do torneio cultural. Aguarda-se com ansiedade a classificação final.

Campanha da verdade

Com agrado verificamos que os retiros dos rapazes da Acção Católica, de regulares que têm sido, pertencem já ao número dos acontecimentos normais na vida do Seminário. Raro é o mês em que não vemos, lado a lado connosco, grupos numerosos de joviais rapazes, quase sempre da J. U. C.

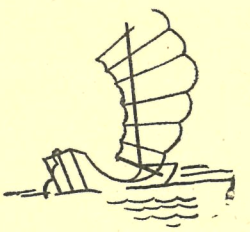
Este ano já por duas vezes nos visitaram várias dezenas de universitários.

A maneira séria, compenetrada, edificante como aqueles rapazes encaram os seus exercícios espirituais não nos deixa simplesmente uma excelente impressão, consegue sobretudo persuadir-nos de que a Igreja não perderá terreno em Portugal enquanto a Acção Católica for despertando tão prometedoras esperanças.

Em cumprimento do programa traçado para o presente ano, foi já iniciado por todos os organismos a campanha da verdade, oportunissima numa hora em que erros trágicos ameaçam as inteligências, e a mentira é regra de vida.

Em meu entender, três dias de retiro constituem o mais adequado principiar duma campanha pela verdade, verdade que só se atinge e realiza plenamente com a graça, graça que só pela oração se logrará alcançar.

Centenário de S. Francisco Xavier



Não permanecemos indiferentes (como justificar o contrário?) perante as grandiosas manifestações levadas a cabo por altura do IV Centenário da morte de S. Francisco Xavier, resolvendo nós próprios celebrá-lo também, com o máximo de esplendor que as nossas possibilidades permitiram.

Em honra do grande apóstolo, expoente máximo do esforço evangelizador de Portugal, solenizámos o dia 3 de Dezembro, de manhã com Missa solene e à

noite realizando uma sessão a que presidiu S. Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo de Cízico.

Durante aquela, o Senhor Cónego Manuel Luís, digníssimo pároco da Sé, tendo sido apresentado pelo Senhor Vice-Reitor, pronunciou uma notável conferência. Depois de se referir ao papel desempenhado pelas congregações religiosas, pela Companhia de Jesus particularmente, no propagar da fé e da civilização, fixou-se na figura gigantesca de Xavier e descreveu, com minúcia e brilho literário toda a actividade do maior apóstolo dos tempos modernos.

Aplaudimos calorosamente S. Ex.ª e depois que a Schola Cantorum *interpretou duas composições de inspiração missionária, o Senhor Arcebispo de Cízico a encerrar a sessão, louvou também o seu trabalho.*

— O Círculo Missionário de S. João de Brito e os alunos de Missionologia testemunharam também o seu especial interesse pelas missões incluindo nas suas actividades uma homenagem ao grande Missionário.

Assim enquanto o Círculo promoveu algumas sessões de estudo sobre problemas missionários o II ano de Teologia reservou a hora semanal em que normalmente ouve a palavra competente do Mons. Ferreira da Silva, para prestar honras ao Padroeiro das Missões. Poesias, leituras, evocações e boa música de fundo constituiram o programa.

Depois de aplaudir a iniciativa, o Rev.mo Professor referiu alguns dos aspectos mais interessantes da vida de S. Francisco Xavier.

— A nossa Polifonia não só representou o Seminário no solene encerramento das festas Xavierianas, como tomou parte activa no solenissimo Te-Deum na Igreja de S. Domingos, cantando juntamente com elementos dos Seminários de Santarém e Almada a magnífica composição de Witt para quatro vozes mixtas. Sempre acompanhados pela orquestra Sinfónica da Emissora Nacional interpretámos ainda várias composições de Boyer e o Hino do Império.

A. TAVARES

A partir deste número de Janeiro, «Novellae Olivarum» aumentará para 38, as suas páginas de texto. Afim de podermos fazer face aos novos encargos, pedimos aos nossos assinantes, a amabilidade por nós desde já agradecida, de enviarem directamente o preço das suas assinaturas, evitando-nos assim, as despesas da cobrança.

A ADMINISTRAÇÃO

TRANSPORTES SIMÕES

Telefones { 5 4012 / 5 1594

José Simões

Transporte para qualquer parte do País

Rua Pascoal de Melo, 58—LISBOA

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de cor

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

Pratas de arte, jóias

bronzes artísticos

pratarias para o culto

realizadas pela célebre

OURIVESARIA ALIANÇA

nas suas oficinas próprias

e muito bem organizadas.

Fornecem-se orçamentos

Preços módicos

OURIVESARIA ALIANÇA

CELESTINO DA MOTTA MESQUITA

Proprietário

Sede:

Rua das Flores, 191 a 211

PORTO

Filial:

Rua Garrett (Chiado), 50

LISBOA

Cafés

Chás

Farinhas

Cevadas

Chocolate

Cacau

Pudins

Flocos de Aveia

O melhor que se produz e se prepara, é o que vende

A Mariazinha

Casa especialista de Cafés, Chás e Farinhas

Lisboa

Rua Barros Queiroz, 28

Porto

Rua de Santo Ildefonso, 415

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação

SAÇOR

Um esforço diário de
800
PORTUGUESES

SAÇOR
EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

MÁRMORES
E CANTARIAS
Pardal Monteiro, Limitada
(Casa fundada em 1888)
Sede e instalações industriais:
PERO PINHEIRO
EM LISBOA:
Est. de Benfica, 167 a 171 (Sete Rios)
Telefones: P. P. 18 e 74307

CASA Fânzeres
Oficinas de Imagens, Pinturas, Douramentos, Altares, Tribunas, etc.
Restauros, Telas, Cetins e Estandartes
ARTIGOS DE METAL
Rua do Souto, 134 — BRAGA
Tel. 2704



Se não vê...

Se não vê bem será bom consultar um especialista.
Depois... depois venha à nossa casa onde encontrará as melhores lentes e armações.

HOROPTICA, LDA
Rua de Santa Justa, 27

DESCONTOS AO REV.MO CLERO



«A CANTAR SE APRENDE E REZA»
O Catecismo cantado — 12$50

«A REVOLTA DOS JOVENS» — um livro que é um compêndio sobre a arte do COMPREENDER e DIRIGIR os jovens de hoje .. .. 22$50

« POR UMA JUVENTUDE MELHOR» — os conceitos, as leis e as máximas da educação escutista 17$50

BREVEMENTE:

« MISSAL DOS PEQUENINOS » — um volume profusamente ilustrado a cores

EDIÇÕES

Alpha et Omega

R. Eugénio dos Santos, 30-2.º — LISBOA

SOCIEDADE EDITORA ALA ESQUERDA L.DA

Telefone. 268 — BEJA — Apartado 25

(Oficinas Gráficas da Diocese)

Composição e impressão de Jornais, Livros e Revistas

Trabalhos Tipográficos em todos os géneros

TOSSE ?



HORAS CALMAS

COM

BENZO-DIACOL